

Museu integral da comunidade Lagoa de São Vitor? Interfaces entre Museologia social, desenvolvimento sustentável e educação transformadora

Integral museum of the Lagoa de São Vitor community? Interfaces between social Museology, sustainable development and transformative education

Leandro Elias Canaan Mageste*; Nívia Paula Dias Assis** ; Patrícia Muniz Mendes***

Resumo: O objetivo do presente relato é de apresentar para discussão os processos museológicos que têm sido executados na localidade de Lagoa de São Vitor, zona rural do município de São Raimundo Nonato, no interior do Piauí. Para fins de contextualização, São Vitor é historicamente oriunda de fazenda homônima – uma famosa unidade escravista. Essa memória encontra-se expressa na constituição do Território Quilombola de Lagoas. Além da herança do período colonial, existem na área sítios arqueológicos e paleontológicos, que são bem conhecidos, sendo cotidianamente ressignificados, para além dos discursos de caráter científico. No que diz respeito ao passado recente, a região é caracterizada por intensa organização popular, demarcada pelo associativismo e pelas narrativas em torno das negociações e lutas por melhores condições de vida. Frente este quadro, docentes e discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco começaram um trabalho extensionista no ano de 2013, onde refletiram com a comunidade sobre as construções patrimoniais envolvendo os saberes tradicionais, a história e o meio envolvente. Nesse contexto, a população manifestou o desejo de criação de um museu, que fosse dedicado em comunicar a relevância de São Vitor e, ao mesmo tempo, servisse como vetor para o desenvolvimento local. Para todos os efeitos, esse cenário constitui uma paisagem ideal para experimentações colaborativas no âmbito da Museologia Social e Desenvolvimento Sustentável, conectadas com uma Educação Transformadora, que utilize as vivências locais como ponto de partida e de chegada para reflexões sobre cidadania e da emancipação sociopolítica. O culminar desse movimento tem sido a intensificação das manifestações em prol da consolidação do Museu Integral da Comunidade de São Vitor, acompanhadas da percepção de que museu é um fenômeno vivo e transformador.

Palavras-chave: Museologia social. Desenvolvimento sustentável. Educação transformadora. Museu integral. Comunidade.

Abstract: The purpose of this paper is to discuss the museological processes that have been implemented in Lagoa de São Vitor, countryside of São Raimundo Nonato, in the countryside of Piauí. For the purpose of contextualization, São Vitor's origin is from the historically homonymous farm - a famous slave unit. This memory is expressed in the making of the Território Quilombola de Lagoa. In addition to this legacy from the colonial period, exists in the area some archaeological and paleontological sites, which are well known. Those are daily resignified, from beyond the scientific discourse. In relation to the recent past, the region is characterized by intense popular organization, demarcated by the association and the narratives related to negotiations and struggles for a better living condition. Front this picture, teachers and students of the Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

* Bacharel e Licenciado em História (UFJF). Mestre e Doutor em Arqueologia (MAE-USP). Docente do Colegiado de Arqueologia Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. leandromageste@gmail.com

** Licenciada em História (UESPI). Mestre em História (UFRN). Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). np.assis@gmail.com

*** Bacharela e Licenciada em História (UFJF). Mestrado em Museologia e Patrimônio (UNIRIO - MAST). Doutoranda em Museologia (ULHT - Lisboa). Museóloga da Universidade Federal de Lavras. patriciamunizm@gmail.com

started an extension work in 2013, when it was reflected with the community about the specifically heritage buildings involving traditional knowledge, history and the environment, pivotally with initiatives aimed at community based tourism and sustainability. In this movement, the population expressed a desire to create a museum that is dedicated to communicating the importance of São Vítor and at the same time, to serve as a vector for local development. For all purposes, this scenario was the ideal landscape for collaborative experimentation in Social Museology and Sustainable Development, connected with a Transforming Education, which use the experiences local as a point of departure and arrival for reflection on citizenship and socio-political emancipation. The climax of the movement has been the intensification of demonstrations for consolidation of Museu Integral da Comunidade de São Vítor, accompanied by perception that the museum is a living and transformer phenomenon.

Keywords: Social Museology. Sustainable development. Transforming education. Integral museum. Community.

1. Introdução

Neste relato, buscaremos apresentar para discussão e reflexão os processos museológicos que têm sido executados na localidade Lagoa de São Vítor, zona rural do município de São Raimundo Nonato, no interior do Piauí¹. As ações desenvolvidas são na verdade o resultado das relações de parceria e afetividade estabelecidas entre comunidade e os docentes e discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), particularmente do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Na conjuntura, o interesse tem sido o de evidenciar as narrativas locais e saberes tradicionais que vem sendo historicamente construídos acerca do passado e do meio envolvente, utilizadas na efetivação de uma educação transformadora (FREIRE, 2001). No movimento, vem sendo discutidas e executadas de forma colaborativa, diferentes cadeias operatórias museológicas, no entorno da proposta coletiva de um museu integral, assentado teoricamente nos pressupostos oferecidos pela Museologia Social e Desenvolvimento Sustentável. A atuação contempla ainda a formatação de um Centro Museológico de Experimentação Comunitária (CEMEC), com atuação voltada para a integração de atividades de pesquisa e extensão; educação e sociedade; e, por fim, patrimônio cultural e desenvolvimento.

Para fins de contextualização, Lagoa de São Vítor (Figura 1) é historicamente localidade oriunda da Fazenda São Vítor – uma antiga unidade escravista da região. A memória desse passado encontra-se expressa na constituição do Território Quilombola de Lagoas, que foi certificado no ano de 2009 pela Fundação Cultural Palmares e pelo Ministério da Cultura. Além de tal herança do período colonial, que é bem demarcada na tradição oral, o povoado conta com vários sítios arqueológicos e

¹ A localidade encontra-se às margens do Parque Nacional Serra da Capivara, patrimônio consagrado que se caracteriza como uma das maiores reservas arqueológicas do planeta, declarado como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO desde 1991.

paletontológicos, bem conhecidos pela população. Como exemplo, pode-se citar o sítio arqueológico e paleontológico homônimo - Lagoa de São Vítor - que contém vestígios líticos referentes a presença humana no período pré-colonial e fósseis relacionados a mega fauna; paredões e rochedos com arte rupestre; marcadores paisagísticos naturais, representado pela Pedra de São Vítor e pela Lagoa (Figura 2). No que diz respeito ao passado recente, a região é caracterizada por intensa organização popular, demarcada pelo associativismo e pelas narrativas em torno das negociações e lutas por melhores condições de vida. Por sua vez, no tocante ao patrimônio imaterial, é possível observar a Folia de Reis, o Reisado, o Forró-Pé-de-Serra, o artesano, as rodas de conversa, os “causos locais”, entre outras expressões.



Figura 1 - Localização de Lagoa de São Vítor, em relação ao contexto do Nordeste Brasileiro.
Fonte: Google Earth



Figura 2 - Pedra e Lagoa de São Vítor. Fonte: CEMEC

Esse quadro esboçado revela um cenário multicultural, onde as representações de diversos atores sociais e de distintos momentos históricos encontram-se presente tanto na configuração assumida pelo território, quanto na memória social, na materialidade produzida, nos festejos e nas ações realizadas. Chama ainda a atenção as relações cotidianas que são estabelecidas pela população com o patrimônio cultural e natural, situadas longe da ótica da sacralidade e do poder institucionalizado, sendo por isso apropriado e ressignificado constantemente no dia-a-dia.

Tal constatação fomentou o desenvolvimento do projeto de extensão *Patrimônio Cultural e Turismo Comunitário em áreas quilombolas: o sítio arqueológico e paleontológico Lagoa de São Vitor sob a ótica da ciência e da sabedoria popular*, vigente entre os anos de 2013 e 2014. Na ocasião, foram perpetrados diferentes movimentos, que tiveram como foco a reflexividade a partir de temas como patrimônio cultural, memória social, meio ambiente e turismo de base comunitária. Digno de nota foi o fato das iniciativas partirem da premissa do papel transformador da comunicação, principalmente no tocante a aspectos como o reconhecimento das identidades locais, fomento ao relativismo cultural a partir da evidenciação da diversidade; rompimento da noção de território, dicotomizada entre centro e periferia; incentivos para emancipação financeira; propostas de gestão comunitária, entre outros.

As ações executadas culminaram no evento final intitulado *Ciência e Sabedoria Popular na Lagoa de São Vitor*. Digno de nota observar que durante a realização dos trabalhos, chamaram a atenção dos docentes e discentes da UNIVASF, as demandas noticiadas espontaneamente pelos membros da comunidade, tais como a busca de incentivos para que os jovens e adolescentes - alunos da Unidade Escolar José Caetano dos Santos - dessem prosseguimento aos seus estudos, não evadindo do ambiente escolar, tampouco se inserindo no fenômeno do êxodo rural. Também foram manifestadas inquietações acerca da infraestrutura local, marcada pela precariedade do abastecimento de água e das vias de acesso; do meio ambiente, em franco processo de devastação da caatinga, repercutindo em intensas seca; problemas na apicultura, com a introdução de plantas exógenas; a não propagação de experiências pautadas na agricultura familiar; e ainda, a frustração em relação a consolidação de um centro de informática, cujos equipamentos adquiridos há quase 4 anos, por meio de editais específicos oferecidos pelo Governo Federal, encontravam-se encaixotados, enquanto a edificação destinada para recebê-los, permanecia inativa.

Paralelamente, foi documentado o desejo de criação de um museu para a guarda e exposição das coleções formadas pela própria população, acompanhada

pela divulgação e promoção do patrimônio local. Esse ensejo ficou bem evidente no evento citado, onde os moradores abriram as suas casas para receber os visitantes, improvisando espaços para visitação de seus patrim nios. Contudo, vale salientar que no momento, encontrava-se incutido nesse desejo uma concepção próxima de museu tradicional, encarado como o “lugar das antiguidades” e cenário para a sacralização dos bens materiais que circulavam entre a população. Explicando melhor, com as ações desenvolvidas, ressaltou-se a relevância da história local e a especificidade dos acervos que foram gerados no decorrer dos anos. Logo, o culminar natural desse processo seria a inserção de Lagoa de São Vítor em um espaço museal, capaz de suscitar narrativas referentes as lutas e conquistas de um povo e assim informar sobre a grandiosidade de um território, até então situado às margens do contexto regional no que diz respeito as discussões patrimoniais.

De toda sorte, para sedimentação do intento, foi disponibilizado um espaço físico de responsabilidade da Associação dos Moradores de São Vítor. Trata-se de propriedade composta por área total de 256m², com 51,84m² edificada. Buscando a requalificação do espaço e, ao mesmo tempo, consolidar a ponte estabelecida entre UNIVASF e comunidade, foi submetido projetos visando angariar recursos financeiros de outra ordem para revitalização, modernização e aquisição de equipamentos. O culminar foi a proposta de extensão intitulada de *Museu Integral da Comunidade de São Vítor: diálogos entre Memória Social, Multivocalidade e Experimentação Museológica*, desenvolvido entre 2015 e 2016.

No escopo das diferentes iniciativas, o objetivo tem sido o de refletir sobre práticas alocadas no âmbito da Museologia Social, criando ferramentas e estratégias para uma concepção de gestão do patrimônio cultural de caráter comunitário, articulado com as manifestações materiais e imateriais alocadas em Lagoa de São Vítor. Sobre o espaço doado, foi atrelado a tais proposições por meio da formatação de um Centro Museológico de Experimentação Comunitária (CEMEC), dedicado em promover experimentações que tenham como foco o patrimônio local, além fomentar a articulação dos atores envolvidos nas atividades por meio de uma educação transformadora (FREIRE, 2001). Na contextura, tem sido discutida junto com a comunidade, a viabilidade de aplicação e operacionalidade do conceito de “museu integral”, que tenha como base a multivocalidade e a reflexividade (SCHEINER, 2012). Com esses deslocamentos   possível perceber movimentos em direção a desconstrução de noções cristalizadas de museu tradicional, promovendo a emergência de novas perspectivas e referenciais.

2. Múltiplos olhares e diferentes perspectivas: o contexto da Lagoa de São Vitor na transdisciplinaridade

No contexto do trabalho realizado em Lagoa de São Vitor, reconhecemos que a ampliação da condição discursiva de grupos alijados ou marginalizados no tocante aos seus aspectos socioeconômicos, culturais e territoriais, se torna o ponto de partida para a transformação no tocante aos conflitos estabelecidos entre dominantes e dominados, contribuindo para a diminuição da desigualdade social (LUCAS; HOFF, 2007). De fato, essa ampliação pressupõe o empoderamento pelos grupos sociais das narrativas sobre o passado, o presente e até mesmo o futuro, rompendo nesse processo com dicotomias responsáveis pela exclusão de segmentos sociais, territoriais e intelectuais, como por exemplo, entre o campo e a cidade; o saber popular e o conhecimento científico; universidade e comunidade, entre outros (BRUNI, 2006). A bem da verdade, o movimento exige a elaboração de estratégias compatíveis com a realidade abordada, visando o desenvolvimento local – entendido aqui como a descoberta de vocações entre grupos minoritários, de modo a possibilitar a valorização de sua produção discursiva e, conseqüentemente, simbólica (LUCAS; HOFF, 2007).

Para todos os efeitos, tendo em vista os propósitos dos trabalhos realizados até o momento, pode-se dizer que inserção sociocultural vem sendo fomentada a partir da articulação de diferentes perspectivas do saber, incorporando uma diversidade de olhares no que diz respeito ao binômio sociedade e patrimônio. Desse modo, a partir dos referenciais oferecidos pela Museologia Social, Educação Transformadora e Desenvolvimento Sustentável, vêm sendo configuradas estratégias multivocais, comprometidas com os esforços de consolidar a autonomia da população perante o contexto regional e atender as diversas demandas sociais em direção a melhores condições de existência.

2.1 - Museologia social

Para fins de contextualização, a Museologia Social é aqui compreendida como uma resposta aos anseios contemporâneos que tem sido colocada nos quadros da Museologia, inauguradas com os empreendimentos em prol de uma Nova Museologia. Em termos históricos, a consolidação do processo pode ser situada na década de 1960, quando um grupo de profissionais se organizou na Europa e na América contestando as formas como os museus vinham sendo conduzidos e refletidos na sociedade ocidental (DUARTE, 2013).

Essa insatisfação esteve atrelada as diversas mudanças verificadas no tocante a temática patrimonial. Isto porque na segunda metade do século XX observam-se transformações significativas, tais como a ampliação do conceito de patrimônio – denominado de patrimônio cultural, natural e integral; os estímulos conferidos pela organização de eventos internacionais, que agregaram pensadores de vários países e estabeleceram diretrizes no tocante a preservação patrimonial; a criação e consolidação do Conselho Internacional de Museus (ICOM), bem como a da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Vale salientar ainda, que diferentes grupos contribuíram para essa efervescência, tais como os ecologistas; os movimentos sociais que despontaram nos países emergentes; os grupos que reclamavam o acesso universal as coleções de museus, geralmente situados em países arrasados pelo neocolonialismo; e por fim os segmentos que passaram a exigir a representação de sua história e de sua visão de mundo nas narrativas museológicas construídas (SANTOS, 2002).

Nessa conjuntura, a constatação foi a de que os museus vigentes estavam a serviço da burguesia e a margem das novas linguagens e expressões artísticas presentes fora das metrópoles e grandes centros urbanos. Tais discussões ganharam contornos mais sólidos com a renovação epistemológica vivenciada no âmbito das ciências humanas e sociais, que enfocaram a necessidade de uma urgente democratização cultural, capaz de romper com as visões de mundo elitistas e excludentes. No universo dos museus, o movimento refletiu na constatação de que até então os espaços dos museus tinham sido aparelhados pelas elites sociais e intelectuais, o que em longo prazo culminaria em uma crise em termos de trabalhos reflexivos produzidos e público atingido. Para a sobrevivência do museu, era necessária uma transformação radical, que o colocasse a serviço de todos (DUARTE, 2013).

Os esforços no tocante a promoção da democratização cultural continuou a arregimentar defensores na década de 1970. No momento, a necessidade de renovação dos modelos de museus existentes tornou-se mais evidente, ao mesmo tempo em que vários grupos intelectuais passaram a reforçar o que deveria ser o objetivo inerente aos espaços dos museus: a de ser ferramenta de aprendizagem constante, compatibilizada com os anseios e expectativas da sociedade envolvente. Nos debates estabelecidos, ganharam pertinência propostas inovadoras de museu, como a do ecomuseu – que pressupõe a musealização de um território - e o de museu

de comunidade – que por sua vez, apoia-se na musealização de grupos sociais (DUARTE, 2013; DESVALLÉS, MAIRESS, 2013).

O diferencial de tais conceituações foi o de evidenciar a lógica comunitária e fluida dos museus, que deixa de ser definido somente pelo espaço encerrado pela pedra e cal para ser entendido em relação à territorialidade e a intervenção ativa da sociedade (SCHEINER, 2012; POULOT, 2008). Na contextura, pesquisadores como Varine-Bohan (1985) promoveram a compatibilização dessas duas interfaces, extrapolando os seus limites – o território e a comunidade - por meio da tipologia de museu integral. A premissa fundamental é que o museu também deveria ser o espaço para contradições e conflitos, estando conectado com os problemas dos diversos grupos ao qual fazem referência e tendo a potencialidade de fomentar o desenvolvimento sustentável, ao invés de somente reificar narrativas oficialmente consagradas.

Tais discussões estabeleceram-se na década de 1970, por ocasião de dois eventos: a IX Conferência Geral do ICOM, realizada em Paris e Grenoble, em 1971; a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1971; por fim a criação do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) – diretamente relacionado ao ICOM e a UNESCO, em 1977. Contudo, a guinada intelectual apresentou-se mais intensa na década de 1980, com a consolidação definitiva da Nova Museologia. Esse marco pode ser vinculado a três momentos específicos: a Declaração do Quebec em 1984; a criação do *Mouvement Internationale pour la Nouvelle Museologie* (MINOM); e por fim, a publicação do livro *The New Museology*, coordenado por Peter Vergo, em 1989 (SANTOS, 2002; DUARTE, 2013).

Para Santos (2002), no escopo das diretrizes apresentadas nos eventos citados, a Nova Museologia pode ser sintetizada em alguns pontos fundamentais que devem orientar a ação nos museus: o reconhecimento das identidades locais e da diversidade cultural manifesta pelos grupos humanos; o uso da memória como instrumento para transformação da realidade; o fomento as apropriações e reapropriações contínuas do patrimônio cultural e natural; a prática social como ponto de partida para a execução de qualquer ação museológica fugindo da formação indiscriminada de coleções ou montagem de exposições; evidenciação das relações estabelecidas entre a sociedade e o seu meio envolvente, ressaltando o processo de construção das identidades; e por fim, associações colaborativas, que prezem pela transformação social e desenvolvimento sustentável. Vale salientar que esse foco nos aspectos sociais dos museus levou alguns autores a defender o viés da Museologia

Social, que assume logo na sua denominação aquilo que deveria ser o real compromisso dos museus, que é com a sociedade pluricultural (MOUTINHO, 1993). Pode-se entender que uma consequência de ordem prática dessa proposta seria a consolidação da ideia de Museu Integral.

De acordo com o raciocínio de Scheiner (2012), a ideia de museu integral surgiu como uma revolução epistemológica no campo da Museologia, na medida que ultrapassou as preocupações com o território (geralmente enfocadas nas iniciativas de ecomuseu), com a comunidade (a pedra basal dos museus comunitários) e com espaços sacralizados e institucionalizados. Nas palavras da autora:

(...) o Museu Integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais. O sentido do Museu está, portanto, no seu próprio existir e, nele, "as partes não se distinguem em relação à substância" (Spinoza, s.d., p. 182), embora sejam plenamente identificáveis em sua essência (SCHEINNER, 2012, p. 19).

No caso específico da localidade abordada, a concepção de um museu integral perpassa pela comunicação dos discursos museológicos e museográficos criados pela comunidade de Lagoa de São Vítor, levando em consideração as expectativas e especificidades locais e promovendo a confluência de aspectos como tempo, sociedade, memória, território, paisagem, materialidade e imaterialidade. Vale frisar que a viabilidade do trabalho se sustenta fundamentalmente na sua discussão e (des) construção junto à população, sempre partindo de suas aspirações e demandas no tocante a concepção e gestão de um museu, por sua vez em constante transformação. Nesse movimento, reformulações frequentes são necessárias, tendo em vista o quadro local diagnosticado, as relações firmadas entre os cidadãos e pesquisadores e as percepções e desejos expressos pelos grupos sociais. Dessa forma, busca-se romper com qualquer unilateralidade ou hierarquização entre Universidade e comunidade – o que seria incompatível com um museu integral.

Na execução desses processos, a implantação de um Centro Museológico de Experimentação Comunitária (CEMEC) no espaço doado pela Associação de Moradores assume, portanto, uma importância fulcral, uma vez que tem se constituído como polo irradiador de ações e mobilização social. No contexto, vem sendo estruturado para funcionar como centro interdisciplinar para o teste, reformulação e

execução de diferentes procedimentos reflexivos que envolvam o patrimônio, a sociedade e a equipe de pesquisadores, sempre orientadas para as demandas sociais observadas. Até o momento, diversas cadeias operatórias museológicas vem sendo desenvolvidas, de forma que tem ficado evidente as narrativas que podem ser apreendidas com a experimentação do território, do meio ambiente, da história e da comunidade. Esses aspectos foram articulados e musealizados colaborativamente nos eventos que marcaram os Festejos de São Vítor. De toda sorte, foi o ápice para novas construções comunitárias a respeito do papel de um museu, integralizado no território, nos “causos”, nas rodas de conversa e no presente.

2.2 - Desenvolvimento sustentável e cultura

Sobre o desenvolvimento sustentável, pode-se situar as discussões mais aprofundadas no final do século XX - momento em que é possível observar uma tomada de consciência em relação a destruição gradual do meio ambiente decorrente do processo de desenvolvimento - industrialização, agronegócio, mineração, urbanização, entre outros elementos. A crise ambiental verificada, em consonância com discussões sobre qual deveria ser o papel assumido pelos grupos humanos nesse contexto fomentou o surgimento do conceito de desenvolvimento sustentável. Rapidamente, alcançou destaque, principalmente a partir da década de 1990. Contudo, a despeito de sua ampla utilização nos últimos anos, algumas lacunas podem ser identificadas, principalmente no tocante aos seus significados possíveis e aparato operacional para efetiva implementação (VAN BELLEN, 2004).

Historicamente, as primeiras discussões a respeito do tema aconteceram na década de 1980 na celebração da Comissão de Brundtland, quando foi elaborado o relatório *Our Common Future*. Na oportunidade, a ministra norueguesa, Gro Harlem Brundtland definiu desenvolvimento sustentável como a forma com que as atuais gerações buscam a satisfação de suas necessidades sem comprometer os recursos disponíveis para as sociedades futuras (ESTENDER; PITTA, 2008). Outra definição complementar expressa no mesmo documento é sintetizada por Camargo (2003):

Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas (CAMARGO, 2003, p. 43).

Uma década após a realização da Comissão, os envolvidos nos debates pertinentes ao desenvolvimento sustentável perceberam que somente o foco nas questões ambientais não seria suficiente para remediar as consequências geradas nos diversos quadros econômicos globais. Para atingir de fato a sustentabilidade almejada, seria necessário atingir outros meios para além do econômico e do ambiental. Em outras palavras, sustentabilidade tratava-se fundamentalmente de uma questão social, na medida em que se relacionava diretamente com a qualidade de vida expressa pelos grupos humanos. Tais preocupações ditaram o tom assumido na Conferência da ONU ECO-92. No evento, foram estabelecidos debates no intuito de evidenciar as relações entre sociedade, economia e transformações ecológicas. O resultado foi a elaboração de um plano de sustentabilidade, denominado de Agenda 21, que fixava três áreas como pilares para questões envolvendo o desenvolvimento: o ambiente, a economia e a sociedade. Assim, um desenvolvimento verdadeiramente sustentável estaria condicionado a articulação desses três aspectos (ESTENDER; PITTA, 2008).

Digno de nota nesse ponto é que a partir do momento em que a sociedade passou a compor o foco de interesse daqueles interessados em sustentabilidade, abriu-se a possibilidade para articulação de desenvolvimento com a temática do patrimônio cultural. As principais recomendações provêm da UNESCO, que nas últimas duas décadas têm buscado revelar o poder transformador das manifestações culturais produzidas pelos diferentes grupos, nos seus aspectos materiais e imateriais.

O envolvimento da UNESCO em questões referentes a sustentabilidade culminou na geração de algumas recomendações internacionais: documento da Assembleia Geral das Nações Unidas nº65/1, de 2010; nº 65/166, de 2011; nº 66/208, de 2012, que versou especificamente sobre *Cultura e Desenvolvimento*. Pode-se citar ainda, as resoluções do texto *O futuro que queremos*, produzido em decorrência da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, em 2012. Mais significativa ainda foi a *Declaração de Hangzhou*, gerada a partir do Congresso Internacional sobre *A cultura: chave para o desenvolvimento sustentável*, realizado na República Popular da China, em maio de 2013. O objetivo do documento foi o de situar a cultura no centro das políticas de desenvolvimento sustentável.

Em todas essas iniciativas, cultura é compreendida como ponto fundamental da sustentabilidade, sendo encarada como manancial de sentido, energia, criatividade e inovação. A premissa norteadora é que o potencial da cultura como fonte de desenvolvimento emerge nos enfoques que são centrados nas relações estabelecidas

entre indivíduo e sociedade, sempre baseada no contexto local. Para isto, deve-se reconhecer que não existe um modelo único de articulação, isto é, diferentes perspectivas culturais podem ser combinadas de forma a abrir caminhos dos mais diversos para o incremento de determinados grupos, levando em conta seus cenários de inserção. De modo transversal a estas abordagens, é salientando o papel da cultura como sistema de valores, que se torna recurso a partir das experiências fornecidas pelas gerações passadas, bem como a evidenciação de suas conexões com o patrimônio mundial e local.

No caso da comunidade de São Vítor, Museologia Social e o Desenvolvimento Sustentável podem ser conectados por meio de projeção turística no quadro regional, tendo como viés estruturante a proposta de museu integral. De fato, o ponto de partida para essa ação tem sido o turismo comunitário, seguindo as orientações estabelecidas no documento *Declaração de San José sobre o Turismo Rural Comunitário*. Em termos gerais, pode ser compreendido como forma de organização pautada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, levando em consideração aspectos como cooperação e distribuição igualitária dos recursos gerados com os serviços turísticos. Trata-se de empreitada que se distingue pela sua dimensão humana e cultural, buscando fundamentalmente fomentar o dialogismo e os encontros interculturais e, nesse processo, contribuir para geração de oportunidades de trabalho e renda para os seus membros (MALDONADO, 2009).

3. Encontros e aproximações: processos museológicos e educação transformadora na comunidade de São Vítor

Nas atividades desenvolvidas, agregou-se além dos pesquisadores e discentes previamente comprometidos, cerca de 10 estudantes voluntários. No momento, além da abordagem sistemática e sócio-afetiva do território e da comunidade, iniciaram-se os trabalhos de requalificação do CEMEC, feitos inicialmente com recursos pessoais dos pesquisadores, associados com a atuação dos moradores de São Vítor, em uma ação colaborativa denominada de “mutirão”. Explicando melhor, a sala foi pintada, revestida com cerâmica, ficando em condições adequadas para a instalação de 20 computadores e uma impressora multifuncional. Finalmente, foram iniciados os procedimentos para a consolidação do centro de informática – com a instalação de softwares livres – e configuração de cenário para as experimentações museológicas. Digno de nota foi a produção de grafismo na parede central do local, de autoria de morador local. Em tinta vermelha, foi grafada a data de construção do espaço, no

intuito de demarcar para visitantes locais e externos a sua inserção em diferentes temporalidades, representadas pelo passado e pelo presente (Figura 3).



Figura 3 - Trabalhos de requalificação do CEMEC. Fonte: CEMEC

Paralelamente, teve continuidade as atividades voltadas para os levantamentos históricos da região, pautados em fontes orais e documentação primária. Todos os procedimentos aconteceram de forma colaborativa. Sempre acompanhados pelos moradores de São Vítor, docentes e discentes da UNIVASF percorreram a localidade, realizando entrevistas com diversas lideranças locais. Além de informações de cunho histórico, os encontros constituíram-se uma oportunidade única para reflexões em torno das construções locais sobre patrimônio material e imaterial, memória e museu. No transcorrer, uma rica coleção de documentos começou a ser disponibilizada e verificada conjuntamente, sendo constituída por atas de criação e diários de reunião das associações e fundações que existiram no local, informando a respeito de uma notória organização popular.

Ao mesmo tempo, teve prosseguimento os trabalhos referentes ao mapeamento de trilhas turísticas no território. O objetivo foi o de observar os referenciais de memória e de espaço, eleitos pelos moradores, tais como a lagoa, a Pedra de São Vítor, a região dos Umbuzeiros, e nesse processo observar as narrativas construídas em torno desses locais. Munidos de cadernos de campo, GPS, e máquinas fotográficas, os envolvidos conceberam e vêm consolidando circuitos turísticos, que estão atrelados a proposta de Museu Integral e de turismo de base comunitária (Figura 4). No processo, vem sendo desenvolvido o diagnóstico arqueológico local, sob o viés da Arqueologia Comunitária (SMITH, 2006; TULLY,

2007), com a delimitação de áreas com as maiores chances de apresentar vestígios pertinentes ao passado pré-colonial e histórico, tanto em superfície quanto em sub-superfície. A bem da verdade, este é o primeiro passo para implementação futura de programa de pesquisas arqueológicas de base comunitária, devotado em evidenciar histórias alternativas sobre o passado.



Figura 4 - Mapeamento de trilhas turísticas e diagnóstico arqueológico local. Fonte: CEMEC

O primeiro movimento mais concreto na articulação dessas frentes, aconteceu no mês de julho, em decorrência da realização dos Festejos de São Vítor, dedicado ao santo padroeiro homônimo. O evento é marcado pela celebração religiosa, além de intensa programação de shows locais voltados para ritmos contemporâneos. Desse modo, agrega os diferentes grupos dispersos por todo o Território Quilombola de Lagoas. Tendo em vista essa efervescência popular, foi formalmente planejada pelos cidadãos a inauguração do Museu Integral da Comunidade de São Vítor, em parceria com a equipe da UNIVASF. A temática selecionada para ser musealizada foi o associativismo local, levando em consideração a importância conferida as várias conquistas perpetradas para a população, estando inclusa entre elas a proposta de museu.

Vale frisar que essa seleção temática correspondeu as provocações despertadas pelos levantamentos históricos, que incentivaram a reinterpretação no presente das trajetórias das fundações e associações, suas conquistas e derrotas, e o papel de seus líderes, seus membros e da comunidade atingida. Assim, foram

recuperados documentos que forneceram novos detalhes para essas narrativas, além de outras expressões materiais, ligadas ao associativismo, tais como antigos equipamentos agrícolas, financiado para as organizações no passado e atualmente dispersos pelo território e em processo de musealização.

Assim, o polo articulador do evento foi o CEMEC. Fora montados expositores com documentos e objetos referentes a associação e, conseqüentemente, à própria história local, acompanhados por banners explicativos. A mediação da exposição foi realizada pelos próprios moradores, que apresentaram as histórias da sua vida e de sua terra, utilizando como ponto de partida o contexto museológico. As relações firmadas entre UNIVASF e o povo de São Vitor também foram submetidas a procedimentos de musealização no CEMEC, expostos por meio de apresentação de vídeos e banners. Vale ressaltar que a narrativa criada inseriu o museu integral, bem como as cadeias operatórias museológicas desenvolvidas até o momento, na história de lutas e conquistas sociais (Figura 5).

Saindo do CEMEC, por sua vez, na casa dos moradores, particularmente de Andreilino Alves de Miranda, foi montada e documentada uma exposição dos fósseis que foram colecionados entre as décadas de 1970 e 2000². Com o intuito de apresentar discursos polifônicos, a mostra fez referência as pesquisas acadêmicas desenvolvidas, ao contexto paleontológico local e as interpretações oferecidas pela população sobre esses vestígios. Assim, buscou-se dirimir dicotomias entre o conhecimento científico e sabedoria popular, problematizando a cultura material abordada em diferentes cenários e temporalidades. É digno de nota salientar que a oportunidade propiciou reflexões sobre as práticas colecionistas e construções patrimoniais (Figura 6).

² A configuração patrimonial observada junto à comunidade Lagoa de São Vitor, invoca no momento questões legais e práticas envolvendo a gestão compartilhada de acervos de interesse nacional. Sobre o assunto, é evidente que a Constituição de 1988 chama a atenção em seu parágrafo 1º do artigo 216, para a necessidade de se dividir responsabilidades no tocante a preservação do patrimônio cultural brasileiro, ao estabelecer que “o Poder Público com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, de outras formas de acautelamento e preservação” (BRASIL, 2006: 139). Mais recentemente, tal perspectiva tem se ampliado, com a proposição de abordagens de preservação por parte do IPHAN (2016), que ressaltam o papel das comunidades como protagonistas no inventariamento, descrição, classificação e definição do que lhes diz respeito como patrimônio. No caso da realidade em tela, atentando-se para estas premissas, destacamos que parte do acervo paleontológico local, formado pela coleta de fósseis expostos na lagoa de São Vitor ao longo dos anos e requalificado com as experimentações museológicas, vem sendo documentando e preservado pela sociedade local, por meio de colaboração com pesquisadores da UNIVASF, FUMDHAM e IPHAN. Os direcionamentos assumidos na pesquisa consideram o desejo manifestado por parte da comunidade de que este acervo componha a reserva técnica do CEMEC.



Figura 5 - Centro de informática consolidado no CEMEC e visões parciais de exposição colaborativa sobre associativismo local. Fonte: CEMEC



Figura 6 - Exposição colaborativa de fósseis, realizada na casa do Sr. Andreilino Alves em 2014 e, posteriormente, em 2015. Detalhe para o material documentado e organizado pela comunidade. Fonte: CEMEC

Sob essa mesma perspectiva, foi montado o Memorial de Dona Marcionília, que pode ser entendido como um museu casa, de caráter temporário. Trata-se da residência de Dona Marcionília, antiga personalidade de liderança, falecida há aproximadamente 10 anos. Neta de escravos, a senhora era conhecida em toda a região, devido as suas habilidades como parteira e os “causos” que relatava sobre a

história local, na maioria das vezes diverso daqueles presentes nos registros oficiais. Assim, a concepção do memorial sustentou-se, portanto, na afetividade e lembrança popular, apresentando os ambientes domésticos, relacionados com as atividades que eram ali executadas e os significados atribuídos, sempre associados a fragmentos da história de vida da moradora. (Figura 7).



Figura 7 - Visões do Memorial de Dona Marcionília, realizando em 2014 e, posteriormente, em 2015. Fonte: CEMEC

Nesse contexto, vale salientar que a concepção de museu integral, revelou-se indissociável de uma educação transformadora, tendo em vista os propósitos do trabalho realizado. Sobre o assunto, vale salientar que tal abordagem encontra-se atrelada ao pensamento de Paulo Freire e sua pedagogia da libertação. De modo geral, assenta-se na premissa de que a educação é um direito universal, que tem como objetivo fundamental a transformação social e a ação concreta no mundo (FREIRE, 2001). Fora dos espaços escolares tradicionais, no cenário da Museologia por exemplo, tais proposições vêm sendo amplamente utilizadas, afirmando a função educacional como uma das premissas básicas que justificam a implantação de um museu.

Em Lagoa de São Vítor, a educação transformadora está transversalmente presente em todas as etapas executadas, já que o interesse de todos os envolvidos é o de utilizar as experiências e vivências locais como ponto de partida e de chegada para as ações efetuadas, a partir da apreensão das narrativas comunitárias desenvolvidas sobre o patrimônio e o meio envolvente, sempre acompanhada por movimentos reflexivos devotados a cidadania e emancipação sociopolítica. Para todos

os efeitos, quando aplicadas aos estudos arqueológicos; a concepção de museu integral; e ao desenvolvimento sustentável, a educação transformadora assenta-se na evidenciação da realidade experimentada por um grupo, concentrando-se na percepção que este mesmo grupo tem da realidade e abrindo diversas possibilidades de atuação sobre ela (SANTOS, 2002).

4. Considerações finais

Ao final, vale salientar que as ações efetuadas junto à comunidade de São Vítor foram, na verdade, os primeiros esforços colaborativos no intuito de refletir acerca da viabilidade e operacionalidade do conceito de museu integral. De fato, as exposições que foram apresentadas refletiram os diferentes segmentos locais, sendo mediadas e elaboradas em conjunto com os moradores, estando desse modo conectada com suas aspirações e demandas. No processo, ficou evidente o potencial da iniciativa em promover a articulação e movimentação social, com impactos expressivos na economia local. Esse quadro tem suscitado reflexões sobre os impactos provocados pelo turismo, bem como o seu potencial em permitir o desenvolvimento sustentável.

Outro ponto digno de nota é o volumoso conjunto de informações que vem sendo gerado no decorrer das atividades desde o ano de 2013, no tocante a existência de outras coleções formadas pela população ao longo do tempo, constituídos por fósseis, material arqueológico e documentos históricos. Apareceram também referências a possíveis sítios arqueológicos dispersos pelo território, com presença de material lítico e cerâmico em superfície e até mesmo grafismos rupestres. Sobre este assunto, vale mencionar a abordagem conduzida por Vieira (2017), que realizou prospecções em parceria com a comunidade, no intuito de evidenciar a materialidade oriunda da antiga Fazenda de São Victor. Em outra investida, o pesquisador tem planejado trabalhos colaborativos em uma suposta vila de escravos, frequentemente presente nas narrativas orais e com o potencial de gerar referenciais inéditos sobre a diáspora africana no semiárido nordestino (VIEIRA, 2016). Contextualmente, é desejo da comunidade que o acervo gerado com as pesquisas possa ser inserido nas ações do CEMEC, considerando o seu potencial em estabelecer pontes entre o passado e o presente.

Para os quadros da Museologia Social, entre os direcionamentos adotados em Lagoa de São Vítor, foi possível constatar as possibilidades de atuação efetiva de propostas assentadas na interdisciplinaridade e verdadeiramente comprometidas com

a autonomia sociopolítica de um povo ainda sob paradigma do coronelismo. Isto porque a abordagem tem oferecido a possibilidade de construção conjunta de ferramentas que propiciem o reconhecimento de distintas produções simbólicas e discursivas, constituindo *lócus* para reflexão sobre a cidadania, educação e transformações sociais. Nesse caso, os trabalhos colaborativos desenvolvidos têm como consequência direta, a extroversão dos saberes construídos pela própria sociedade acerca do seu patrimônio, possibilitando o empoderamento do passado, do presente e do futuro. Evidentemente, esses discursos alternativos gestados fomentam a construção de um novo conjunto de significados e sentidos, que podem ser articulados no museu integral - onde museu é concebido como um fenômeno vivo e provocador.

Agradecimentos

Na oportunidade, agradecemos pelas relações de afeto, confiança e parcerias construídas junto à comunidade Lagoa de São Vítor, que acabaram por fomentar as práticas dialógicas consolidadas ao longo da pesquisa. Da mesma forma, devemos estender a nossa gratidão ao corpo discente da UNIVASF, particularmente os estudantes de Arqueologia e Preservação Patrimonial, que se empenharam voluntariamente no estabelecimento das ações colaborativas relatadas.

Referências

- BRUNI, José Carlos. Foucault: o silêncio dos sujeitos. In: SCAVONE, Lucila *et al.* (Orgs.) *O Legado de Foucault*. São Paulo: UNESP, 2006. p.33-44.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 51/2006 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94*. – Brasília : Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.
- CAMARGO, Aspásia. Governança para o século 21. In: TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento*. Rio de Janeiro: Sextane, 2003. p.307-322.
- DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chaves da Museologia*. Tradução e comentários: Bruno Brulon e Marília Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin, 2013.
- DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Museologia e Patrimônio*, v.6, n.1, p.99-117, 2013. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/248/239>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

ESTENDER, Antônio Carlos; PITTA, Tercia de Tássio Moreira. *O conceito do desenvolvimento sustentável. Revista Terceiro Setor & Gestão – UNG*, v.2, n.01, p.01-14, 2008.

FREIRE, Paulo. Direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, Ana Maria (Org.). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p.93-103.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Patrimonial: Inventários Participativos*. Manual de Aplicação. Brasília: IPHAN, 2016.

LUCAS, Luciane; HOFF, Tania Marcia C. Resistência e emancipação social: a cidadania como condição participante na construção da produção simbólica. In: *Anais do XVI Encontro da Compós*, UTB, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1038_Resist%EAncia%20e%20Emancipa%E7%E3o%20Social.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber.; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009. p.25-44.

MOUTINHO, Mario. Sobre o conceito de Museologia Social. *Cadernos de Museologia*, n.1, p.07-09, 1993.

POULOT, Dominique. *Une histoire des musées de France*. Paris: Éditions La Découverte, 2008.

SANTOS, Maria Célia. T. M. Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, v.18, n.18, p.93-139, 2002.

SCHEINER, Tereza. C. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.7, n.1, p.15-30, 2012

SMITH, Claire; WOBST, Martin. *Indigenous Archaeologies. Decolonizing Theory and Practice*. London, Routledge, 2006.

TULLY, Gemma. Community archaeology: general methods and standards of practice. *Public Archaeology*, v.6, n.3, p.155-187, 2007.

VAN BELLEN, Hans M. Desenvolvimento sustentável: uma descrição das principais ferramentas de avaliação. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v.7, n.1. p.67-88, 2004.

VARINE-BOHAN, Hugues de. L'écomusée: au-delà du mot. *Museum*, n.148, v.XXXVII, p.185, 1985.

VIEIRA, Bruno Vítor de Farias. O sertão do Piauí no período pós-abolição: Arqueologia da Escravidão e Arqueologia Pública na “Fazenda de São Victor”. *Projeto* (Doutoramento em Arqueologia). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2016.

_____. Era no tempo do coronel...”eu não concordo muito com isso não!” Arqueologia Pública e interpretações colaborativas sobre a “Fazenda de São Victor”, Piauí. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017. Orientador: Prof. Dr. Paulo Bava.

Data de recebimento: 22.04.2017

Data de aceite: 31.05.2017